

# Iluminação

## Vida e Paixão

Por Nezito Reis

Vindo de Minas Gerais em 1968, eu queria fazer teatro. Depois de muito tempo, consegui entrar para o Grupo de Teatro Jambaí. Isso aconteceu em 1970, depois da Copa do Mundo. Fui recebido pelo saudoso Hamilton Saraiva. Queria ser ator e no Jambaí participei de várias montagens. Eu não evoluía como ator, era muito ruim. O Hamilton, aos poucos, foi me conduzindo para a área técnica. Toda vez que havia montagens, eu era escalado para ajudar na iluminação.

Comecei a tomar gosto pelo ofício: Iluminador Cênico. Aos poucos, fui sendo liberado para resolver a iluminação e montagens dos grupos aglutinados na mesma sede. Em um, eu atuava; noutro, fazia assistência de direção, e assim por diante. Aquele núcleo era uma verdadeira escola. Fazíamos interpretação, cenografia, figurinos, sonoplastia e iluminação. Já em 1974, eu estava desenvolvendo projetos de iluminação, inclusive para grupos fora do nosso núcleo. Não era fácil. Não havia grandes condições técnicas como as de hoje. Mas para mim estava tudo ótimo.

Os equipamentos que existiam no grupo eram refletores todos planos convexos (PC) de 500W. As mesas de luz, em geral, eram construídas de maneira artesanal pelo próprio Saraiva. Não tínhamos elipsoidais. Quando era necessário fazer algum recorte, usava-se papel cartão preto. As cores eram feitas com papel celofane, mas eles queimavam na primeira apresentação. Para fazer uma luz difusa, eu usava papel manteiga, que também queimava. Mais tarde apareceram no mercado umas folhas de acetato coloridas. Aquele acetato, em poucos dias, também perdia a cor.



Divulgação

Quanto ao equipamento, eu me deliciava quando íamos fazer apresentações no Teatro Municipal de Santo André. Naquele teatro, havia um ótimo aparato técnico, tudo era da marca Strand Electric, originariamente inglês. Outro local, também com equipamento de primeira, era o Teatro SESC Anchieta. Talvez houvesse outros teatros no início da década de setenta tão bem equipados como os de Santo André e do SESC.

Hoje em dia é fácil fazer iluminação. Só se ouve falar em DMX, em LEDs, Moving Lights e mais uma infinidade de recursos. Embora eu tenha feito algum esforço, não me adaptei ainda às mesas DMX. Dizem que qualquer erro de operação, você põe tudo a perder. Sendo assim, ainda prefiro o sistema analógico. Ele me dá mais segurança. Só ficarei aguardando o dia em que a PAR LED atingir a mesma potência de uma PAR 64, o que inegavelmente acontecerá, não sabemos dizer em quantos anos.

Com o avanço que vem chegando a cada dia, só lamento que a maioria dos jovens iluminadores raramente sabe descascar, emendar e isolar um fio. Muitos não conhecem uma Série ou um Paralelo. É verdade, também, que chegará um momento em que nada disso será preciso. Mas saber um pouco do básico, assim como da história evolutiva da iluminação, não faz mal a ninguém. ◀

**Nezito Reis**

Iluminador Cênico, Professor de Iluminação e Diretor Teatral  
 nezitoreis@gmail.com/www.nezitoreis.com



